

**Da Geolinguística à Sociolinguística Variacionista:
um panorama da variação fonológica**

***From Geolinguistics to Variationist Sociolinguistics:
a panorama of phonological variation***

Dermeval da Hora
Universidade Federal do Pará, Belém, Pará, Brasil

Silvia Figueiredo Brandão
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo: O Grupo de Trabalho de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, desde sua origem, reúne pesquisadores voltados para estudos nas perspectivas da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista. São projetos que tratam, muitas vezes, de comunidades específicas, mas também que veem o uso espelhando, não apenas a identidade de um grupo, mas a identidade de um povo. Muitos desses estudos são focados em uma das áreas mais centrais para se compreender a diversidade da língua no território brasileiro: a fonologia. São inúmeras as variáveis analisadas, envolvendo processos fonológicos relacionados às vogais, às consoantes, à sílaba, etc., marcando a identidade de diferentes comunidades de fala. Neste artigo, o objetivo é, a partir de estudos realizados nas perspectivas da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, apresentar um panorama de como três variáveis selecionadas se comportam em algumas regiões do Brasil. Diante do grande número de variáveis analisadas por integrantes do GT, optou-se por selecionar as vogais médias pretônicas, as fricativas coronais em coda silábica /s, z/ e as oclusivas dentais/alveolares /t, d/. O resultado dessa análise deixa clara a intercomplementaridade das duas áreas para o conhecimento do Português do Brasil.

Palavras-chave: Geolinguística; Sociolinguística; vogais médias pretônicas, fricativas coronais; oclusivas dentais/alveolares

Abstract: The Working Group on Sociolinguistics of the *Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística*, since its origin, has brought together researchers related to studies on Geolinguistics and Variationist Sociolinguistics. These are projects that often address specific communities and explain language use not only as the identity of a given group, but as the identity of a people. Many of these studies are focused on one of the most central areas to understand the diversity of language in Brazil: phonology. Several variables have been analyzed throughout the



country – phonological processes related to vowels, consonants, syllables, etc., many of them evidencing the identity of different speech communities. In this article, from studies conducted in Geolinguistics and Variationist Sociolinguistics, the objective is to present an overview of how three selected variables behave in some regions of Brazil. Considering the large number of variables analyzed by members of the WG, the selected variables are the mid-vowels in pretonic position, the coronal fricatives in syllabic coda /s, z/ and the alveolar/dental stops /t, d/. The result of this analysis makes clear the inter-complementarity of the two areas towards the understanding of Brazilian Portuguese.

Keywords: Geolinguistics; Sociolinguistics; mid-vowels in pretonic position; coronal fricatives; alveolar/dental stops

1 Introdução

Focalizar o campo da Fonética/Fonologia no âmbito da Sociolinguística e da Geolinguística, áreas intercomplementares que constituem o GT de Sociolinguística não é tarefa fácil, tendo em vista o significativo número de estudos desenvolvidos, respectivamente, a partir das décadas de 1950 e 1970, e que vêm propiciando amplo conhecimento do Português do Brasil e, conseqüentemente, ensejando diferentes interpretações sobre suas origens.

Pode-se dizer que foi no âmbito da Geolinguística, com o projeto do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (ROSSI et al., 1963), cuja realização remonta a meados da década de 1950, que se iniciou no Brasil a prática de pesquisa de campo e de organização de *corpora* com base em metodologia rigorosa e que permitiria, com o passar do tempo, testar hipóteses sobre a difusão e os possíveis limites dos fenômenos variáveis.

No âmbito da Sociolinguística, cabe referir o papel de Anthony Naro, que, nos inícios da década de 1970, introduziu, no Brasil, a pesquisa variacionista de inspiração laboviana, que permite verificar as motivações estruturais e sociais que determinam a implementação das variantes e conduzem os processos de mudança.

As tendências que, na atualidade, se observam nas duas áreas partiram de iniciativas que levaram em conta especificidades histórico-sociais e étnicas das regiões em que se desenvolviam e que permitiram traçar, no âmbito do GT, uma política de pesquisa que o gradativo desenvolvimento da pós-graduação no país foi ampliando.

No decorrer dos últimos 35 anos, membros do GT, segundo diferentes perspectivas da Sociolinguística e da Geolinguística em novas bases – agora mais propriamente Geolinguística Pluridimensional – vêm desenvolvendo, orientando e publicando inúmeras pesquisas, que têm concorrido para a caracterização do Português do Brasil, nos diferentes níveis da língua.

Diante do grande número de variáveis linguísticas analisadas por integrantes do GT, neste texto, centrado na variação fonético-fonológica, optou-se por selecionar apenas três delas, apresentadas na seção 2 e comentadas na perspectiva da Geolinguística (2.1) e da Sociolinguística (2.2). Nas considerações finais (seção 3), fazem-se breves reflexões sobre os resultados expostos e a intercomplementaridade das duas áreas.

2 As variáveis em destaque

Nas seções seguintes, serão apresentados resultados obtidos, primeiro na perspectiva da Geolinguística, em seguida, na da Sociolinguística Variacionista, sobre as variáveis que foram selecionadas como foco da descrição: as vogais médias pretônicas, as fricativas coronais em coda e a palatalização das oclusivas dentais/alveolares.

2.1 Na perspectiva da Geolinguística

Como pesquisas geolinguísticas demandam recursos financeiros, tempo e pesquisadores bem treinados, a elaboração de atlas linguísticos foi, a princípio, lenta em nosso país; o mencionado APFB, o Atlas Linguístico de Sergipe-ALS (FERREIRA et al., 1987), desenvolvido no final da década de 1960; o primeiro volume do Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais - EALMG (RIBEIRO et al., 1977) e o Atlas Linguístico da Paraíba-ALPB (ARAGÃO; MENEZES, 1984), consistiam, em 1985, ano da criação do GT, nas publicações que davam conta de características linguísticas de áreas mais amplas, com resultados obtidos com base em metodologia mais consistente.

As variáveis aqui selecionadas para análise inscrevem-se entre aquelas que permitiriam traçar o que, na Geolinguística tradicional, se denomina de isófonas, isto é, linhas imaginárias que isolam ou separam áreas de predomínio ou de ocorrência única de

uma determinada variante fonética e que são consideradas fundamentais para a definição de áreas linguísticas.

(a) *Sobre as Vogais Médias Pretônicas*

Desde que Nascentes apresentou, após ter percorrido “todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá” (1953, p. 24), sua proposta definitiva de divisão do país em duas macroáreas linguísticas – a dos falares do Norte (em que seriam mais frequentes /ε, œ/ e dos do Sul (onde predominariam as variantes [e, o]) –, a variação das vogais médias pretônicas tornou-se um dos tópicos mais focalizados do vocalismo do Português Brasileiro (PB), em que também pode ocorrer o processo de alteamento [i u].

A observação dos registros dos atlas acima mencionados, de caráter monodimensional, independentemente de diferenças quanto aos métodos empregados (pontos de inquérito, número e características dos informantes, tipos de questionário), já permitiam testar a hipótese de Nascentes, pelo menos no que toca a parte do subfalar baiano (parte de Minas Gerais, Bahia e Sergipe) por ele denominado “área de transição” e que englobaria também parte do então Estado de Goiás (atual Tocantins) adjacente aos dois primeiros e onde predominariam as variantes abertas.

Cardoso (1986), para testar, em parte, a hipótese de Nascentes, analisou as vogais pretônicas médias em 24 cartas do APFB e em 5 do EALMG: a da *isófona do [ε] e do [œ]* e as correspondentes a *neblina, relâmpago, zelação e pegador*.

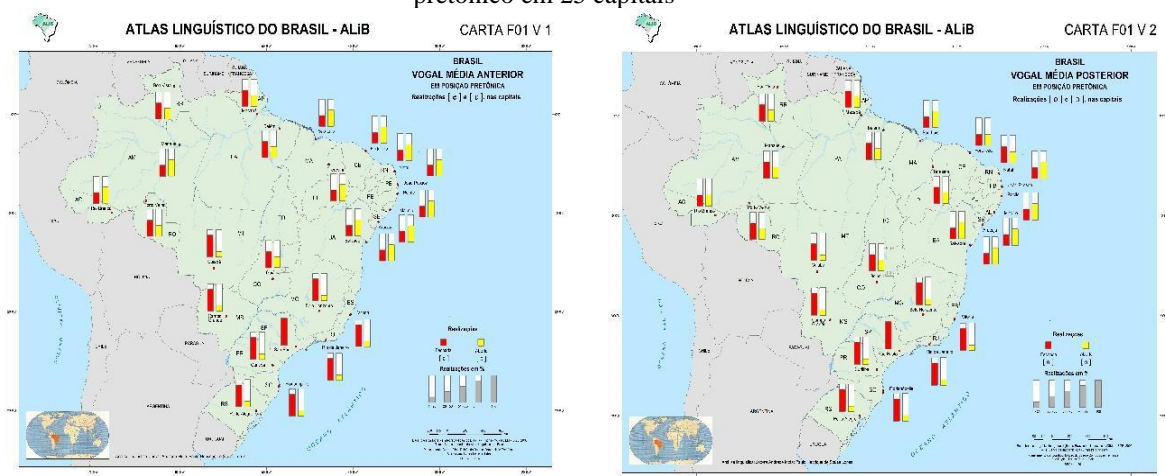
Quanto ao APFB, observou (p. 50) que, das ocorrências da média anterior e da posterior, respectivamente 69% e 70,6% correspondiam às variantes abertas, registrando-se, no primeiro caso, 16,4% de [e], e 14,6% de [i] e, no segundo, 19,2% de [o] e 50,2% de [u]. Ela afirma que as ocorrências de [e] e [o] distribuía-se por todo o território baiano – não ocorrendo, portanto, em áreas específicas –, sendo variantes de [ε] e de [œ]. Ela termina a análise do APFB comentando os possíveis condicionamentos estruturais das formas com [e] e [o]. No que tange a Minas Gerais, a carta com a isófona demonstra que as variantes abertas se concentram nas zonas Norte e Nordeste e que a variação entre abertas e fechadas se localiza “na parte extrema desta região Norte, nas suas vizinhanças com a parte central do Estado (p. 52). A análise das mencionadas quatro cartas,

corroboraria a distribuição apresentada no mapa, embora, na carta *neblina* se tenham encontrado casos esparsos de [ɛ] em quatro pontos no “extremo sul do Estado” (p.52).

Em 2014, passados 28 anos (1986) desse primeiro estudo e 18, da reunião (1996) que lançou, em Salvador, as bases do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (CARDOSO et al., 2014), já se pode ter uma visão mais ampla da distribuição dessas variantes. O ALiB foi elaborado segundo os pressupostos da Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996), que visa a observar a variação na dimensão diatópica aliada a outras dimensões, entre as quais, a diassexual, a diastrática, a diageracional, a diafásica.

No segundo volume do ALiB, entre as 46 cartas fonéticas publicadas, há oito referentes à realização das vogais médias em contexto pretônico, distribuídas segundo índices percentuais de ocorrência em 25 capitais brasileiras: (a) duas de caráter meramente diatópico: distribuição de [e] e [ɛ] e de [o] e [ɔ] – c.f. Figura 1; (b) três referentes à realização de [e] e três à de [o], em cada capital, por nível de escolaridade (fundamental e universitário), por faixa etária (18-30 anos; 50 a 65 anos) e por sexo.

Figura 1 – Cartas do ALiB referentes às concretizações abertas e fechadas das vogais médias em contexto pretônico em 25 capitais



Fonte: ALiB (CARDOSO, 2014. p. 71; 73)

Das duas primeiras cartas acima mencionadas (F01 V1 e F01 V2), depreende-se que [e o], com diferentes índices de frequência, predominam, com altos índices, na fala das capitais das regiões Sul-Sudeste, decrescendo nas do Centro-Oeste e, diminuindo um pouco mais, nas do Norte, sendo pouco representadas no Nordeste, onde prevalecem [ɛ, ɔ]. Tal generalização, no entanto, não implica um comportamento idêntico em todas as regiões. No Sul-Sudeste, São Paulo só apresenta as variantes [e o], diferentemente das

outras capitais, em que se registram as taxas mínimas (até de 25%) de [ɛ, ɔ]. No Norte, há o caso de Manaus, em que, na série anterior, [ɛ] predomina, mas na posterior, o mais frequente é [o], e o de Rio Branco, em que [ɛ] suplanta a média anterior alta e [o, ɔ] partilham os mesmos índices, na faixa dos 50%. No Nordeste, também se encontram casos em que, no âmbito de cada uma das séries, há um comportamento diferente, como em Natal, Fortaleza e Teresina.

Embora Nascentes tenha estendido o predomínio das pretônicas abertas a todos os subfalares do Norte, Brandão e Cruz (2005) demonstram, com base nas cartas do ALAM (CRUZ, 2004) e do ALiSPA (RAZKY, 2004) que as médias altas predominam no Amazonas e no Pará, havendo, no caso da média posterior, índices de alteamento maiores do que os observados em outras áreas do país, como se verifica na Tabela 1.

Tabela 1 – Índices percentuais gerais referentes às concretizações das vogais médias pretônicas nos dialetos do Amazonas e do Pará com base em cartas do ALAM e do ALiSPA

ALAM			ALiSPA		
[e] / [ē]	[E]	[i]	[e] / [ē]	[E]	[i]
46%	28,50%	25,50	35%	36%	29%
[o] / [ō]	[ɔ]	[u] [ũ]	[o] / [ō]	[ɔ]	[u] [ũ]
45,65 %	18,35%	35,20 %	40,65 %	21,10 %	38,25%

Fonte: Brandão e Cruz (2005), com adaptações.

Para que se tenha, no entanto, um quadro mais abrangente da variação das médias pretônicas em cada região, é fundamental contar com os dados recolhidos nos outros 225 pontos de inquérito, tarefa que está em andamento, conforme se constata no currículo Lattes de Jacyra Andrade Mota¹, que, além de diretora-presidente do Comitê Nacional do ALiB, coordena o projeto que visa a analisar as vogais médias pretônicas em localidades do interior.

(b) *Sobre as Consoantes Fricativas Coronais em posição de coda*

Sobre a palatalização de /s/ em coda, há diferentes hipóteses na ótica de antigos filólogos. Teyssier (1982, p. 55-56), diante da ampla distribuição das variantes [s z] no território brasileiro, depois de algumas especulações, conclui que, no PE, /s z/ seriam inicialmente

¹ <http://lattes.cnpq.br/2882439742195871>. Acesso em 03 de janeiro de 2020.

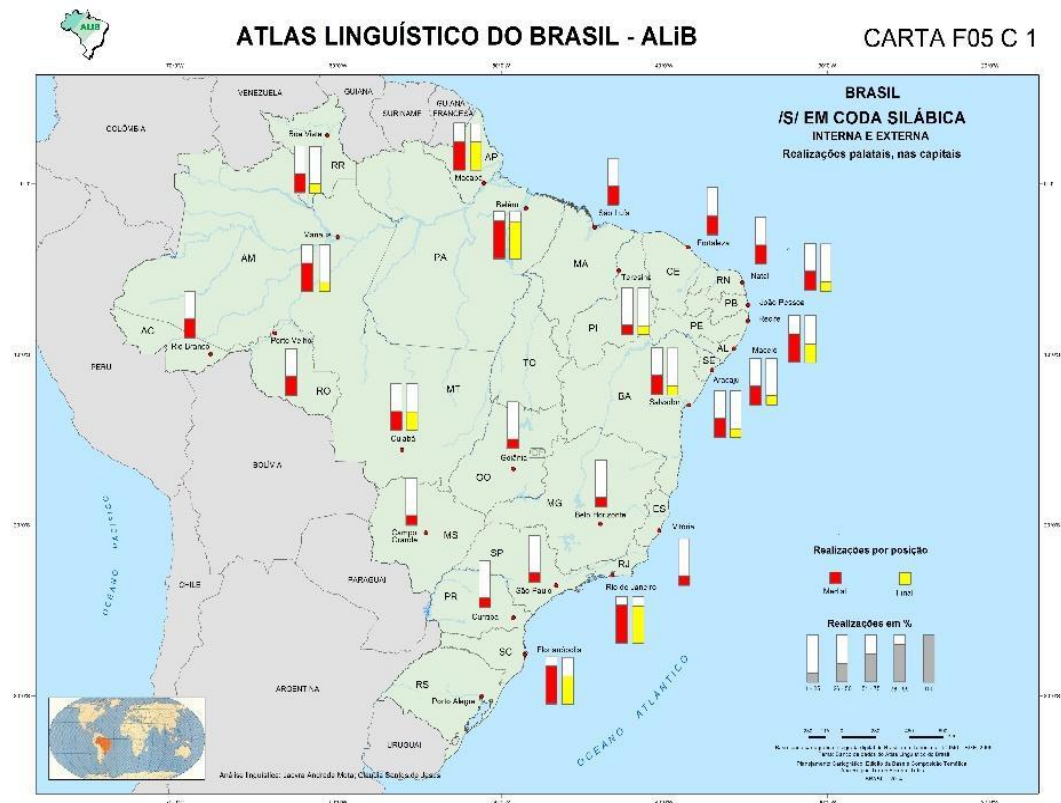
sibilantes e, em época mais tardia – entre o século XVI e a data do primeiro testemunho (VERNEY, 1746) – se teria produzido o chiamento, hipótese também defendida por Révah (1958, p. 390). Silva Neto (1963, p. 181-182), por sua vez, a propósito da difusão de [j, ʒ] no Rio de Janeiro, diz que este pode ser “um fenômeno ligado à pronúncia padrão lisboeta” ou representar “uma inovação que se operou independentemente cá e lá”, aventando, ainda, a conhecida hipótese de que a vinda da corte portuguesa para o Brasil “que se deu justamente no início do século XIX, ou seja, quando a inovação já estava completamente concluída em Lisboa” teria concorrido para que a pronúncia portuguesa, interpretada como parte da norma culta, se disseminasse.

Inúmeros estudos têm mostrado que a palatalização é mais frequente em contexto de coda interna do que externa, atuando como gatilhos sobretudo [tʃ] e [tʃʃ].

A carta F05 C1 do ALiB retrata as realizações palatais de /s/ nesses dois contextos, com predomínio da concretização alveolar na maior parte do país, independentemente da incidência de /t, d/ palatalizados. Em nenhuma das capitais, há casos de palatalização que só ocorra em coda externa; em doze delas só a coda interna apresenta palatalização – Rio Branco, Porto Velho, Roraima, Campo Grande, Goiânia, Curitiba, São Paulo, Vitória, Belo Horizonte, Natal, Fortaleza e São Luís – sempre com índices de 50% ou menos. Porto Alegre destaca-se de todas as capitais por não apresentar concretizações palatalizadas, da mesma forma que Rio de Janeiro, Florianópolis e Belém se singularizam pelas mais altas incidências de variantes palatais.

Outras seis cartas, três dedicadas à coda interna e três à externa mostram a distribuição das realizações palatais por sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Figura 2 - Carta do ALiB referente às realizações palatais de /s/ em coda interna e externa em 25 capitais



Fonte: ALiB (CARDOSO, 2014, p. 111).

É interessante notar que não há nenhum caso de palatalização categórica em qualquer das capitais, inclusive no Rio de Janeiro. Brandão (2012), com base em resultados registrados em cartas do MicroAFERJ (ALMEIDA, 2008), do AFeBG (LIMA, 2006) e da região Norte-Noroeste, estabelecidas no âmbito do Projeto Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro – APERJ, não publicado, traça uma isófona da palatalização de /s/ no Estado, cujos limites de sul a norte seriam Angra dos Reis, Itaguaí, Nova Iguaçu, Teresópolis, Cachoeiro de Macacu, Cabo Frio e Macaé. Nessas localidades, a palatalização supera, em termos globais, os 50%, sendo a Região Metropolitana do Rio de Janeiro a área mais emblemática, com altíssimos índices.

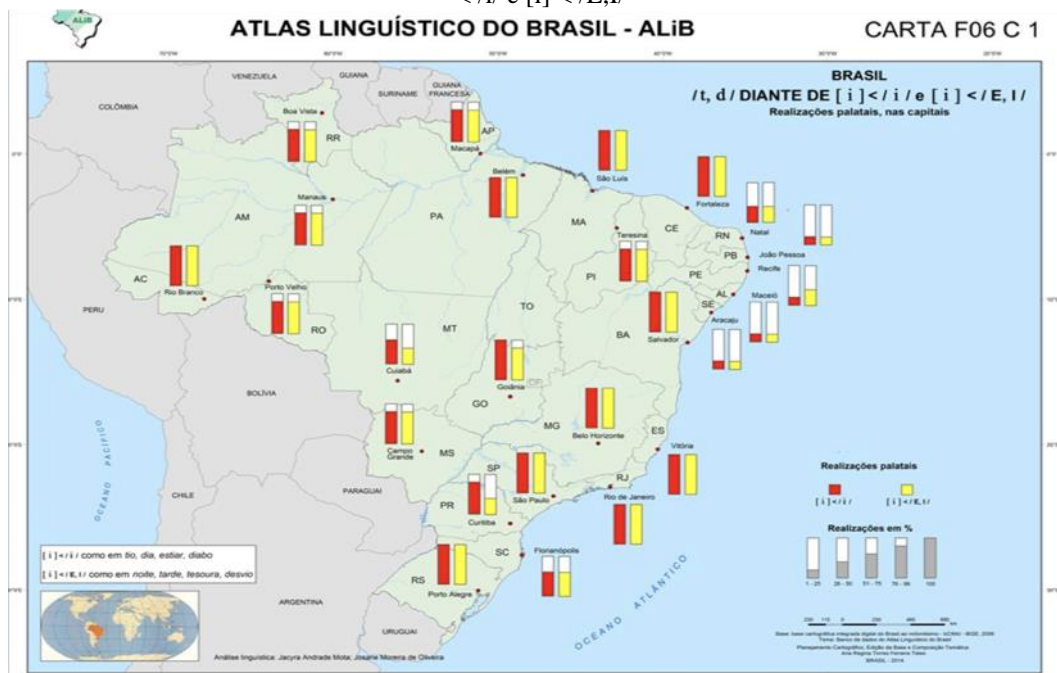
(a) *Sobre as Consoantes Oclusivas dentais/alveolares*

Também no que se refere à palatalização/africatização de /t d/, outra variável que se tem mostrado significativa do ponto de vista geossociolinguístico, parte-se, mais uma vez, de um estudo de Cardoso (1993), em que se ocupa especificamente de [tʃ], buscando

delimitar não só algumas de suas áreas de ocorrência, mas também os diferentes contextos/motivações estruturais em que ela ocorre: (i) no falar caipira de São Paulo ([tʃ]apéu); (ii) no de uma determinada área de Mato Grosso ([tʃ]ave); (iii) em áreas da Bahia, de Sergipe e de Minas Gerais, com base, respectivamente, no que se registra no APFB, no ALS e no EALMG – (o[tʃ]o) e (iv) na fala carioca culta e popular, aquele que interessa aqui focalizar e que também atinge /d/ quando seguido de [i].

No ALiB, há uma carta geral (F06 C 1) sobre a palatalização de /t d/ diante de (i): [i] correspondente a /i/ (como em tio/dia) e de (ii) [i] decorrente de /E, I/ (como, respectivamente, em tesoura/desvio e noite/tarde), que será aqui focalizada. Em outras seis cartas, o processo é observado separadamente, segundo as três variáveis sociais, nos mencionados contextos.

Figura 3 - Carta do Atlas Linguístico do Brasil sobre a distribuição da realização das palatais antes de [i] < /i/ e [i] < /E, I/



Fonte: ALiB (CARDOSO, 2014, p. 123).

A palatalização das oclusivas dentais ocorre em todo o país, embora com baixos índices de frequência em algumas capitais. Em Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Belo Horizonte, Salvador, Fortaleza, São Luís e Belém e, ainda, em Rio Branco, a regra se aplica categoricamente, seja no contexto (i) ou (ii) acima. Em oposição a esse quadro, estão Aracajú, Maceió, Recife, João Pessoa (em que as frequências se encontram

na faixa de 1 a 25%) e Natal, com índices entre 26% e 50%. No Norte, em Boa Vista, Macapá, Manaus e Porto Velho, a palatalização fica entre 76% e 99%. No Centro-Oeste, em Goiânia, a palatalização é categórica quando diante de /i/ subjacente e ligeiramente menos frequente nos demais casos. Campo Grande segue o padrão do Norte, e Cuiabá apresenta comportamento ligeiramente diferenciado dos demais. Florianópolis e Curitiba têm perfis diversos daqueles apresentados pelas capitais do Sul e do Sudeste.

O quadro que aqui se delineou não se repete, necessariamente, em outras localidades de cada estado. No Sul, a palatalização, como se verifica em atlas regionais e em estudos na linha sociolinguística, depende da maior ou menor tendência à elevação de /e/ e de aspectos de caráter étnico. No Atlas Linguístico do Paraná – ALPR (AGUILERA, 1994), por exemplo, duas cartas registram as isófonas das variantes da sílaba final da palavra *ponte*: na carta 188, referente a [te] e [t^he], verifica-se que [te] distribui-se basicamente em áreas do centro-sul do estado, entre elas Curitiba, e [t^he] está restrita ao ponto 59 (Mangueirinha); na carta 189, [tʃi], [ti] e [tʃy] ocorrem sobretudo na área centro-norte.

Nesta seção, privilegiou-se o que se registra no volume 2 do ALiB, apesar de circunscrito a 25 capitais, para salientar a importância de estudos na área da geolinguística, que, ao fornecerem uma visão panorâmica da variação num determinado território, permitem, agora também numa perspectiva pluridimensional, testar ou formular novas hipóteses sobre as motivações estruturais e sócio-histórico-culturais que concorrem para a variação e a mudança linguísticas. O entrecruzamento de dados, por exemplo, que retratam a palatalização de /s/ em coda e a de /t d/ diante de [i] são importantes para a verificação das referidas motivações, no que as análises sociolinguísticas têm também papel fundamental.

O Projeto ALiB, por outro lado, serviu de incentivo à consecução de uma série de atlas linguísticos regionais, bastando para isso comparar o número dos que já haviam sido publicados ou divulgados em 1996, com o dos hoje existentes ou em andamento, o que reflete a alta produtividade e importância da dialetologia para desvendar a pluralidade de normas em uso no Português do Brasil.

2.2 Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista

Impossível não lembrar que foi nos idos da década de 1970 que tiveram início no Brasil os estudos da Sociolinguística Variacionista ou Sociolinguística Quantitativa ou ainda Teoria da Variação e Mudança. E foi graças ao pioneirismo do Prof. Anthony Julius Naro (UFRJ) que, seguido por um grupo de visionários(as), tudo começou. Desse grupo participaram duas grandes fonólogas de quem se falará mais adiante: as professoras Leda Bisol (UFRGS) e Myriam Barbosa da Silva (UFBA), ambas aposentadas hoje, mas que deixaram um grande legado.

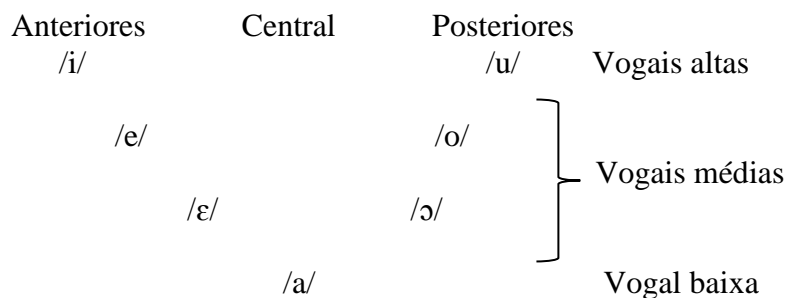
Lado a lado, e tão importante quanto, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Fernando Tarallo desenvolvia seus estudos na área da Sociolinguística, contando com a participação de orientandos(as) que, na área da Sintaxe, teriam papel significativo, como é o caso das professoras Maria Eugenia Lammoglia Duarte (UFRJ), Jânia Ramos (UFMG), Dercir Pedro de Oliveira (UFMS) e Emílio Pagotto (USP).

Mais ou menos dez anos após esse início, é criado o Grupo de Trabalho (GT) de Sociolinguística da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

No que diz respeito aos estudos variacionistas no interior desse GT, vários aspectos linguísticos foram analisados, mas interessa aqui aqueles voltados para a Fonologia, já mencionados na Introdução: vogais médias pretônicas, consoantes fricativas coronais em coda silábica e palatalização das oclusivas dentais/alveolares em posição de ataque silábico. Sabe-se que muitos processos fonológicos têm sua relevância no PB, mas os três escolhidos têm sido objeto de estudo por vários integrantes do GT e, por isso mesmo, foram selecionados.

(a) Sobre as Vogais Médias Pretônicas

Antes de tratar das médias pretônicas, vale apresentar o quadro de vogais do PB definido por Camara Jr. (1970). Foi escolhida a distribuição na sua posição tônica por ela ser a posição ideal em que as vogais se distribuem:



Sabe-se que, ao ser considerada a posição pretônica, as vogais médias, sejam anteriores sejam posteriores, podem sofrer um processo de neutralização, em que uma das oposições se perde, e a posição resultante depende, muitas vezes, da distribuição diatópica (1), embora em alguns casos uma restrição estrutural pode condicionar o uso, como veremos mais adiante,

(1) Nordeste p[ɛ]sada t[ɛ]rreno p[ɔ]lêmica f[ɔ]rtaleza	Sudeste/Sul p[e]sada t[e]rreno p[o]lêmica f[o]rtaleza
--	--

ou podem sofrer um processo de elevação, passando de média para alta, como em (2):

(2) f[e]liz > f[i]liz t[e]cido > t[i]cido c[o]ruja > c[u]ruja p[o]stura > p[u]stura

Dos precursores que trataram das vogais médias pretônicas no PB podem ser citados Nascentes (1960) e Camara Júnior (1970), não variacionistas no sentido laboviano, mas que estabeleceram nortes para os estudos variacionistas. O primeiro deles faz ver que havia uma divisão em nível nacional, em que falantes do norte usariam vogais abertas e falantes do sul usariam vogais fechadas. O segundo, utilizando o dialeto carioca, estabelece um conjunto de regras que diferencia vogais abertas de vogais fechadas. Aproveitando o mote, os variacionistas de diferentes cantos do Brasil implementaram seus estudos no sentido de analisar como essa variação ocorre e o que a motiva.

Embora não vinculada ao GT, Leda Bisol (1981), utilizando uma amostra pré-VARSUL coletada em 1978, compreendendo quatro cidade do Rio Grande do Sul (Taquara, zona alemã; Monte Berico, zona italiana; Livramento, zona fronteiriça com o Uruguai e Porto Alegre) dá o pontapé inicial e faz sua tese, sob a orientação de Anthony Julius Naro, voltada para a harmonização vocálica, considerando-a uma regra variável. Se Camara Jr. não usou os pressupostos teóricos da Teoria da Variação, Leda Bisol o fez muito bem. Na região sudeste, dois trabalhos podem ser mencionados, a dissertação de Yacovenco (1993) e a de Viegas (2001), orientadas, respectivamente por Dinah Callou e Marco Antônio de Oliveira. Na região nordeste, podem ser citados os trabalhos de Silva (1989), orientada por Celso Cunha com co-orientação de Anthony Julius Naro, e Pereira (1997), utilizando os dados do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (HORA, 1993), orientada por Dermeval da Hora.

O que esses trabalhos têm em comum?

No olhar do passado de Antenor Nascentes, ratifica-se a ideia de que as vogais médias pretônicas sejam mesmo um divisor de águas. Todos esses trabalhos fazem ver que a distribuição das vogais médias pretônicas, em sua realização fechada, a exemplo de p[e]sada, f[e]licidade, p[o]rrada é majoritariamente encontrada nas regiões sudeste e sul, enquanto na região nordeste, sua realização aberta p[ɛ]sada, f[ɛ]licidade, p[ɔ]rrada é a predominante. Vale ressaltar, entretanto, que, no nordeste, também é possível encontrar a realização fechada, quando algum condicionador existe. Silva (1989), em sua tese, faz ver que em um contexto com vogal tônica fechada a vogal pretônica também será fechada, como em s[e]gr[e]do.

Uma consulta a cada um desses trabalhos permite que se avalie como restrições estruturais e sociais condicionam alguns usos de forma mais específica. Esses trabalhos também sinalizam um ponto em comum com as três regiões mencionadas, e algo que pode ser generalizado para todo o país, que é a possibilidade de elevação da vogal média, muitas vezes resultante de uma regra de harmonização vocálica: c[u]r[u]ja e p[i]r[i]go, em que a altura da vogal tônica é assimilada pela vogal pretônica, criando, assim, um processo de harmonização.

(b) *Sobre as Consoantes Fricativas Coronais em posição de coda*

Das consoantes que ocupam a posição de coda, sabe-se que muitos trabalhos já as contemplaram. Optou-se, neste artigo, pelas fricativas coronais /s z/, mas poderiam ser, muito bem, a lateral /l/ ou a vibrante /r/ – estudada, entre vários outros, por Callou (1987) e Monaretto (1997) –, pois estão bem descritas em boa parte do território nacional.

Em relação às fricativas coronais, os trabalhos já realizados, que serão mencionados a seguir, mostram um quadro bem geral, levando às seguintes possibilidades de variação, delineadas em (3a) e (3b), respectivamente:

(3a)

Posição interna:

alveolar [s, z]: e[s]fera, re[z]vala
palato-alveolar [ʃ, ʒ]: es[ʃ]fera, re[ʒ]vala
aspirada [h]: me[h]mo
[Ø]: me[Ø]mo

(3b)

Posição final:

alveolar [s]: trê[s], de[s]
palato-alveolar [ʃ]: trê[ʃ]
zero [Ø]: lápi[Ø]

Callou, Moraes e Leite (2002), utilizando dados do Projeto da Norma Urbana Culta (NURC), analisam o processo de enfraquecimento das fricativas coronais em coda nas cinco capitais brasileiras (Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Recife e Salvador), considerando aspectos estruturais e sociais. As variantes analisadas para as cinco capitais foram: alveolar, palato-alveolar, aspirada e zero.

Em relação à cidade Rio de Janeiro, o comportamento das fricativas coronais em coda, representadas pelo arquifonema /S/, é bastante semelhante nas posições medial e final: palato-alveolar (90% e 75%) – aspirada (6% e 10%) – apagamento (2% e 8%) – alveolar (1% e 8%). A palato-alveolar é a variante mais produtiva, tanto na posição medial quanto na final, com percentagens bem distantes das demais variantes.

No falar de São Paulo, a variante mais produtiva é a alveolar com 88% e 91% nas posições medial e final, respectivamente. As outras variantes têm uma frequência muito baixa, não havendo, inclusive, dados de aspiração em nenhuma das posições. A palato-alveolar apresenta 9% na posição medial e 5% na posição final; o apagamento, 3%, nas duas posições.

Os resultados do falar de Porto Alegre são semelhantes aos de São Paulo, apresentando a mesma ordem: alveolar (77% e 96%), palato-alveolar (23% e 2%), apagamento (0% e 1%) e aspirada (0% e 1%). Em relação a esse falar, duas observações merecem destaque: (a) a relação inversamente proporcional das variantes palato-alveolar e alveolar; e (b) a disparidade nas percentagens em relação à posição na palavra, distinguindo-as das outras duas variantes que têm uma frequência bem próxima nas duas posições.

No falar de Recife, as variantes palato-alveolar (84% e 54%) e alveolar (10% e 34%) também apresentam resultados bem distantes entre a posição medial e final, enquanto as demais variantes apresentam resultados mais próximos: aspirada (5% e 7%) e apagamento (2% e 5%). É importante ressaltar que a variante palato-alveolar é a mais frequente, semelhante ao falar do Rio de Janeiro.

Os dados relativos ao falar de Salvador mostram uma relação inversamente proporcional na frequência de uso das variantes palato-alveolar (56% e 31%) e alveolar (39% e 51%), inclusive se comparadas às posições medial e final. As variantes aspiradas (4% e 9%) e zero (1% e 9%) são pouco frequentes, principalmente na posição medial.

Brescancini (2002), em sua análise das fricativas coronais em coda, utilizou dados de Florianópolis, levando em conta três regiões desse município: Centro Urbano, Ribeirão da Ilha e Barra da Lagoa. Seus resultados mostram a seguinte ordem de seleção: alveolar, palato-alveolar, aspirada e apagamento ou zero fonético. A variante palato-alveolar é a mais frequente, com 82%, destacando-se das demais variantes que se somam em 18%. A variante alveolar é a segunda mais frequente com 12% de aplicação e o apagamento e a aspirada, respectivamente, com 5% e 1%.

A partir do corpus do VALPB, Hora (2003) e Ribeiro (2006) fazem seus estudos sobre a fricativa coronal em coda no falar paraibano. O trabalho de Hora (2003) versa sobre o /S/ pós-vocálico na posição interna à palavra, enquanto que o de Ribeiro (2006) se detém na posição final de lexemas.

A partir dos dados de Hora (2003), percebe-se que as variantes alveolar [s, z] (e[s]fera, re[z]vala), palato-alveolar [ʃ, ʒ] (go[ʃ]to, de[ʒ]de) e aspirada [h] (me[h]mo) são produtivas, diferentemente da variante zero [∅] que se mostra pouco frequente, ocorrendo, especificamente, com determinados itens lexicais, no caso dessa pesquisa, apenas com o item me[∅]mo. É importante mencionar que no corpus utilizado por Hora (2003), a

ocorrência da palato-alveolar está associada ao contexto fonológico seguinte coronal. Assim, quanto ao uso, há uma dominância da alveolar, seguida pela palato-alveolar condicionada ao contexto coronal seguinte e com poucos casos da aspirada. Os dados de Hora (2003) e Ribeiro (2006) refletem que o comportamento da fricativa coronal pós-vocálica no dialeto de João Pessoa não é semelhante quando em interior ou em final de lexema, já que temos número e comportamento diferenciados de variantes para cada posição: [s, z, ʃ, ʒ, h] para a posição interna e [s, z, ʃ, ʒ e Ø] para a final. A variação do /S/ pós-vocálico na posição final, segundo Ribeiro (2006), também se apresenta sob a forma alveolar [s,z], palato-alveolar [ʃ, ʒ] e aspirada [h]. Além desses casos, o zero [Ø] é encontrado em final de palavra, diferindo da coda interna (PEDROSA, 2009).

Considerando que as realizações aspirada e zero são as menos frequentes, as que, majoritariamente, ocorrem são a alveolar e a palato-alveolar, que podem estar assim distribuídas por ordem de uso:

Tabela 2 – Distribuição das Fricativas Coronais em Coda

Comunidade	Alveolar		Palato-alveolar	
	Medial	Final	Medial	Final
Porto Alegre	77%	96%	23%	2%
São Paulo	88%	91%	9%	5%
Rio de Janeiro	1%	8%	90%	75%
Salvador	39%	51%	56%	31%
Recife	10%	34%	84%	54%
Florianópolis	12%	21%	88%	79%
João Pessoa	65%	65%	28%	5%

Fonte: elaboração do autor com base nos trabalhos citados.

A distribuição na tabela 2 reúne as informações apresentadas anteriormente; seu objetivo é possibilitar uma visão das variantes nas comunidades analisadas. As cinco primeiras comunidades de fala fazem parte do Projeto NURC. Porto Alegre e São Paulo, majoritariamente, favorecem o uso da alveolar, enquanto o Rio de Janeiro e Recife favorecem o uso da palato-alveolar, na mesma direção segue Florianópolis. Salvador e João Pessoa favorecem a alveolar na posição final, mas quanto à posição medial, apenas Salvador a favorece. Importante observar que, em João Pessoa e em Salvador, o que favorece a palato-alveolar em posição medial é a presença de uma coronal no contexto fonológico seguinte, como em le[ʃ]te e de[ʒ]de, sendo que, ao contrário de João Pessoa, em Salvador, as oclusivas são palatalizadas: le[ʃtʃI] e de[ʒdʒI].

(c) *Sobre as consoantes oclusivas dentais/alveolares*

O comportamento das oclusivas dentais, em formas como [t]iro vs. [tʃ]iro e [d]ia vs. [dʒ]ia, embora presente em quase todo o país, como mostram os dados do ALiB, pouco foi analisado em uma perspectiva variacionista, talvez por ter uma oposição não muito produtiva em muitos lugares. Como se sabe, é no nordeste brasileiro, e em alguns estados, que essa oposição é mais frequente.

Bisol (1985) analisou quatro grupos de indivíduos sócio-culturalmente diferenciados, assim distribuídos: 15 falantes monolíngues de Porto Alegre, 15 da fronteira, 15 bilíngues da zona de colonização alemã e 15 da zona de colonização italiana, todos eles de instrução primária. Além disso, uma amostra de controle foi constituída por 15 falantes de Porto Alegre; estes, porém, com nível de escolaridade superior.

Uma importante constatação do estudo de Bisol (1985) é que a palatalização das oclusivas dentais no dialeto gaúcho é uma regra que se aplica categoricamente em todos os contextos, exceto no contexto de sibilante, em exemplos como: in[sti]tuto vs. in[stʃi]tuto e pare[dis] vs. pare[dʒis].

No tocante à etnia, único fator social selecionado, Bisol defende que o dialeto gaúcho, por seu contato com línguas que não favorecem a palatalização, vem impedindo a expansão da regra.

Hora (1990) desenvolveu seu estudo na comunidade de Alagoinhas (BA). Em sua análise, o autor conclui que o uso da palatalização, vista como regra geral, manifesta-se acentuadamente entre as classes sociais alta e média, na faixa etária entre 15 e 47 anos, independentemente do sexo, e ainda nos estilos considerados mais formais, a exemplo da leitura. Também conclui que a palatalização, por ser mais utilizada nos estilos formais e por aqueles de maior poder aquisitivo e grau de escolaridade mais elevado, constitui a forma de prestígio.

Alguns anos mais tarde, Hora (1997), a partir dos dados do VALPB, avalia o uso das oclusivas dentais no falar paraibano. Em seu estudo, observa que o índice de uso da forma palatalizada é muito baixo, chegando a 7,4%. Apesar disso, em amostra de recontato com participantes do VALPB, Hora et al. (2019) constatam que o processo de palatalização tende a ampliar-se.

3 Considerações finais

Neste texto, buscou-se retratar, por meio de apenas três fenômenos variáveis, a significativa produtividade dos membros do GT de Sociolinguística da ANPOLL no âmbito da fonética/fonologia em seus 35 anos de existência, e, ainda, ressaltar a intercomplementaridade de estudos nas linhas dialetológica e sociolinguística variacionista.

Como lembrou Brandão (2019, slide 18),

Num país das dimensões e da complexidade sócio-cultural como o Brasil, é importante que se realizem análises sociolinguísticas que complementem as de cunho geolinguístico e possam dar conta de processos de variação e mudança em regiões ainda não tão contempladas [...] ou em pequenas e médias localidades. Tais análises servem de base a generalizações e a reflexões teóricas.

Atualmente, entre outras preocupações dos integrantes do GT, está a realização de estudos que contemplem a percepção e a avaliação das variantes, comunidades de prática, variação estilística, e fenômenos que mais afastam ou aproximam o Português do Brasil do Português Europeu e de variedades africanas do Português, para o que é importante partir de pesquisas como as aqui relatadas.

A inegável complementaridade entre a Dialetologia/Geolinguística e a Sociolinguística, as duas grandes subáreas do GT, já fora apontada por Rossi (1984, p. 106), para quem “os lugares, as áreas, não existem nas ciências humanas como espaços físicos em si, mas como espaços sociais” e está retratada na própria obra de Labov, que, para seu estudo sobre Martha’s Vineyard (1963) recorreu ao *Linguistic Atlas of New England* (KURATH et al., 1941) como fundamento para suas hipóteses e elaborou o *Atlas of North American English* (LABOV; ASH; BOBERG, 2006). Além disso, coedita as revistas *Language Variation and Change*² e *Journal of Dialect Geography*.

Para finalizar, como disse Labov (2016, p. 598),

Se os linguistas continuarem a persistir no estudo da mudança e da variação, indubitavelmente, conheceremos padrões mais e mais complexos produzidos pelas correntes da vida social que se entrecruzam. Continuaremos fascinados pelos detalhes intrincados revelados pela geografia dialetal. Mas acho ainda

² <https://www.cambridge.org/core/journals/language-variation-and-change>.

mais fascinantes as descobertas que mostram que estamos caminhando na mesma direção sem o percebermos”.

Agradecimentos

DH é bolsista de Produtividade 1B do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq/Brasil). SFB é bolsista de Produtividade em Pesquisa (Nível 2) do CNPq.

Contribuição

Dermeval da Hora: Conceptualização, Metodologia, Escrita - Rascunho Original, Escrita – Análise e Edição; **Silvia Figueiredo Brandão:** Conceptualização, Metodologia, Escrita - Rascunho Original, Escrita – Análise e Edição.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Linguístico do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

ALMEIDA, Fabiana da Silva Campos. **Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro:** uma contribuição para o conhecimento dos falares fluminenses. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. 2 v.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva; MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra. **Atlas Linguístico da Paraíba.** João Pessoa/Brasília: UFPB/CNPq, 1984. 2v.

BISOL, Leda. **A palatalização e sua restrição variável.** Miemo, 1985.

BISOL, Leda. **Harmonia vocálica:** uma regra variável. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1981.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; CRUZ, Maria Luiza. Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base nos dados do ALAM e do ALISPA. *In:* AGUILERA, Vanderci. (Org.) **A geolinguística no Brasil:** trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2005. p. 299-318.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. A variável (S) na fala do Estado do Rio de Janeiro. In: ALTINO, Fabiane (Org.) **Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem a Vanderci de Andrade Aguilera**. Londrina: Midiograf, 2012. p. 230-250.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Eixo 1: Variação e Mudança Linguística. Comunicação apresentada na mesa redonda A pesquisa Sociolinguística/Geolinguística brasileira: presente e futuro, do I Fórum Internacional de Sociolinguística: descrição, teoria, metodologia e ensino. Faculdade de Letras da UFRJ, novembro de 2019.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A fricativa palato-alveolar e sua complexidade: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

CALLOU, Dinah M. I. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, Dinah M. I; MORAES, João A; LEITE, Yonne. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: ABAURRE, M. Bernadete (Org.). **A construção fonológica da palavra**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. v. VII, p. 167-194.

CARDOSO, Suzana Alice M. Tinha Nascentes razão? (Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil). **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 5, p. 49-59, 1986.

CARDOSO, Suzana. Sobre a africada [tʃ] no português do Brasil. **Dialectologia et Geolinguística-DIG**, v. 1, p. 92-111, 1993.

CARDOSO, Suzana Alice M. Et al. **Atlas Linguístico do Brasil**, 2.v. Londrina: Eduel, 2014.

CRUZ, Maria Luiza. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. 2 v.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: UFBA/FUNDESC, 1987.

HORA, Dermeval da. Fricativas coronais: análise variacionista. In: RONCARATI, Cláudia, ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: Viveiro de Castro, 2003. p. 69-89.

HORA, Dermeval da. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais. **Graphos**, v. 2, n. 1, p. 116-125, 1997.

HORA, Dermeval da. **Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba**, 1993.

HORA, Dermeval da. **A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

KURATH, Hans et al. **Linguistic Atlas of New England**. Providence, R. I: American Council of Learned Societies, 1941.

LABOV, William. The social motivation of a sound change. **Word**, v. 19, p. 273-309, 1963.

LABOV, William; ASH, Sharon; BOBERG, Charles. **Atlas of North American English: phonetics, phonology and sound change**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LABOV, William. Where are we now? **Journal of Sociolinguistics**, v. 20, n. 4, p. 581-602, 2016.

LIMA, Luciana Gomes de. **Atlas Fonético do entorno da Baía de Guanabara**. (Dissertação em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. 2 v.

MONARETTO, Valéria N. O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

NASCENTES, Antenor. **O linguajar carioca**, 3. ed. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. **Análise do /s/ pós-vocálico no PB: Coda ou Onset?** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. **As vogais médias pretônicas no falar pessoense urbano**. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1997.

RADTKE Edgar; THUN Harald. Novos caminhos da geolinguística românica. Um balanço. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org), **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie** (Heilderberg/Mainz, 21-24.10.1991), Kiel: Westensee-Verlag, 1996, p. 25-49.

RAZKY, Abdelhak. (Org.) **Atlas linguístico sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RÉVAH, I. S. L'évolution de la prononciation au Portugal et au Brésil du XVIIe. siècle à nos jours. In: **Anais do I Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1958. p. 387-402.

RIBEIRO, José et al. **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, Silvia Renata. **Apagamento da sibilante final em lexemas: uma análise variacionista do falar pessoense.** (Dissertação em Letras), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

ROSSI, Nelson; ISENSÉE, Dinah Maria; FERREIRA, Carlota. **Atlas Prévio dos Falares Baianos.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

ROSSI, Nelson. Variação diatópica e Sociolinguística. In: **Anais do II Congresso de Sócio e Etnolinguística.** Niterói: UFF, 1984. p. 101-115.

SILVA, Myrian Barbosa da. **As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador.** Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** Lisboa: Sá da Costa, 1982.

VERNEY, L. A. **O verdadeiro método de estudar.** 3. ed. Porto: Editorial Domingos Barreira, s. d.[1746]

VIEGAS, Maria do Carmo. **O alicamento de vogais e itens lexicais.** (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

YACOVENCO, Lilian Coutinho. **As vogais médias pretônicas na fala culta carioca.** Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

Recebido em: 10 de dezembro de 2020

Aceito em: 31 de maio de 2021

Publicado em setembro de 2021

Dermeval da Hora

E-mail: dermeval.dahora@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9303-5664>

Silvia Figueiredo Brandão

E-mail: silfibran@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6236-5679>